

VOL II

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão
Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2021

VOL II

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão
Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2021



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição- Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comercial. A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizadoras	Prof. ^a Dr. ^a Sílvia Inés del Valle Navarro Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez
Imagem da Capa	Artem Oleshko
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima
Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México
Prof.^a Dr.^a Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca*, Espanha
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República*, Uruguay
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara*, México
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona*, Espanha
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Prof.^a Dr.^a Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco
Prof.^a Dr.^a Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura*, Peru
Prof.^a Dr.^a Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío*, Chile



Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College, USA*
 Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*
 Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros
 Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*
 Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*
 Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
 Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
 Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
 Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*
 Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
 Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe
 Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
 Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
 Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
 Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
 Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
 Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana "José Antonio Echeverría", Cuba*
 Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
 Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
 Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
 Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
 Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
 Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
 Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
 Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
 Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru*
 Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
 Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
 Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciências humanas [livro eletrônico] : estudos para uma visão holística da sociedade: vol II / Silvia Inés Del Valle Navarro, Gustavo Adolfo Juarez. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-38-5

DOI 10.37572/EdArt_280621385

1. Ciências humanas. 2. Desenvolvimento humano. 3. Professores - Formação. I. Del Valle Navarro, Silvia Inés. II. Juarez, Gustavo Adolfo.

CDD 300.7

Elaborado por Mauricio Amormino Júnior – CRB6/2422

APRESENTAÇÃO

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, DIVERSIDAD Y FORMACIÓN DOCENTE

“Só quem pode surgir com o povo é o novo.

E o novo são as crianças.

Com elas, poderão vir as respostas que não encontramos” ...

“...Poxa, até que essa geração mais velha tem algo a oferecer”

Ubiratan D´Ambrosio

São Paulo, 8 de Diciembre de 1932 - 12 de Mayo de 2021

Este libro titulado **Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade**, surge mientras transitamos un momento muy particular para nuestra especie humana, en donde se ve amenazada su existencia en forma global. Es por ello, que debe valorarse el esfuerzo de numerosos autores e investigadores que todavía sienten la necesidad y el deseo de entregar sus esfuerzos en la causa de la difusión de resultados de sus trabajos científicos.

Mientras esperamos soluciones, que resguarden al bienestar en la Salud y con ello en la recomposición de la Economía y Educación, por el retraso que esta situación pandémica produce, queda la esperanza de que el replanteo social en las estructuras de las sociedades nos lleven a valorar los resultados que hasta ahora nos ha permitido sobrevivir. Por lo tanto, en esta obra, donde el conjunto de capítulos reflejan la inherente participación en la diversidad de temáticas planteadas, están agrupados trabajos considerados desde el perfil profesional de cada temática asumida por autores de diversos lugares del planeta.

En el Segundo Volumen que tiene como eje temático **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, DIVERSIDAD Y FORMACIÓN DOCENTE**. La evolución del conocimiento llevo a actualizar las prácticas pedagógicas en la formación docente como así también en los diferentes niveles educativos, desde el preprimario hasta el universitario, y en la formación tradicional como en las alternativas. Por ello, este volumen presenta numerosas propuestas que llevan a recorrer el espacio tiempo de la educación, asumiendo propuestas para enfrentar este nuevo periodo de la enseñanza virtual, a distancia y con los implementos tecnológicos que llevan a mantener la formación en los distintos niveles aun en el aislamiento que la situación sanitaria nos obliga.

Esperando que estos trabajos sean de gran aporte a los lectores, les deseamos una buena lectura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

APRESENTAÇÃO

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, DIVERSIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

*“Só quem pode surgir com o povo é o novo.
E o novo são as crianças.
Com elas, poderão vir as respostas que não encontramos”...*

“...Poxa, até que essa geração mais velha tem algo a oferecer”

Ubiratan D´Ambrosio
São Paulo, 8 de Diciembre de 1932 - 12 de Mayo de 2021

Este livro, intitulado **Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade**, surge enquanto vivemos um momento muito particular para nossa espécie humana, onde sua existência está ameaçada globalmente. Por este motivo, deve ser valorizado o esforço de inúmeros autores e investigadores que ainda sentem a necessidade e o desejo de se empenharem na causa da divulgação dos resultados dos seus trabalhos científicos.

Enquanto esperamos por soluções que protejam o bem-estar na Saúde e com ela na recomposição da Economia e da Educação, pelo atraso que esta situação pandêmica produz, espera-se que o repensar social nas estruturas das sociedades nos leve valorizar os resultados que até agora nos permitiram sobreviver. Portanto, nesta coletânea, onde o conjunto de capítulos refletem a participação inerente à diversidade das questões levantadas, se agrupam obras consideradas a partir do perfil profissional de cada disciplina assumida por autores de diversas localidades do o planeta.

No segundo volume, cujo eixo temático se intitula PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, DIVERSIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES, a evolução dos saberes conduziu à atualização das práticas pedagógicas tanto na formação de professores como nos diferentes níveis de ensino, desde o pré-primário ao universitário, e na formação tradicional como alternativa. Por isso, este volume apresenta inúmeras propostas que nos levam a percorrer o espaço-tempo da educação, assumindo propostas para enfrentar este novo período da aprendizagem virtual, a distância e com os implementos tecnológicos que levam a manter a formação em diferentes níveis mesmo no isolamento. que a situação de saúde nos obriga.

Esperando que esses trabalhos sejam de grande contribuição para os leitores, desejamos uma boa leitura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO
GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....1

LA EDUCACIÓN DE LOS JÓVENES PARA LA CONSTRUCCIÓN DE CIUDADANÍA

Ester Susana Montaldo

Ana María Zabala

DOI 10.37572/EdArt_2806213851

CAPÍTULO 2.....12

¿SOCIOEPISTEMOLOGÍA EN LA FÍSICA?

Silvia Inés del Valle Navarro

María Luz del Valle Quiroga

Sonia Laura Mascareño

Anabela Beatriz Serrano

Gustavo Adolfo Juarez

DOI 10.37572/EdArt_2806213852

CAPÍTULO 3.....22

EDUCACIÓN Y DIVERSIDAD CULTURAL: DOS PROYECTOS DE EDUCACIÓN INTERCULTURAL BILINGÜE EN EL SURESTE MEXICANO

Sonia Comboni Salinas

José Manuel Juárez Núñez

DOI 10.37572/EdArt_2806213853

CAPÍTULO 4.....36

UMA LUTA HISTÓRICA, UM CONTEXTO ATUAL: A PROPOSTA PEDAGÓGICA DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM-TERRA

Douglas Gomes Nalini de Oliveira

Vandei Pinto da Silva

DOI 10.37572/EdArt_2806213854

CAPÍTULO 5.....49

PRÁTICAS EDUCATIVAS: EXPLORANDO O ENSINO DE HISTÓRIA EM ESPAÇOS MUSEAIS

Goreti Pélagué Pereira da Silva

Déborah Roberta Santiago Chaves Vilela

Zenaide Gregorio Alves

DOI 10.37572/EdArt_2806213855

CAPÍTULO 666

APRENDIZAJE BASADO EN RETOS, APLICADO EN ARTE TERAPIA

Flora López Alvarado
Mildred Vanessa López Cabrera
Silvia Lizett Olivares Olivares

DOI 10.37572/EdArt_2806213856

CAPÍTULO 7 76

ACERCA DA APLICAÇÃO DOS SABERES DE MATRIZ AFRICANA AO ENSINO DE EDUCAÇÃO MUSICAL

Edna Alencar de Castro

DOI 10.37572/EdArt_2806213857

CAPÍTULO 8.....88

LA CIUDADANÍA VIVIDA EN EL JARDÍN INFANTIL: HETEROTOPÍAS QUE EMPODERAN A LA PRIMERA INFANCIA CHILENA

Cynthia Yael Adlerstein Grimberg
Andrea Bralic Echeverría

DOI 10.37572/EdArt_2806213858

CAPÍTULO 9 113

ALOJAR AL SUJETO EN EL VÍNCULO EDUCATIVO EN LA UNIVERSIDAD

Gladys Esther Leoz

DOI 10.37572/EdArt_2806213859

CAPÍTULO 10..... 127

INVESTIGADOR EDUCATIVO Y GERENCIA DEL CONOCIMIENTO. IMPACTO Y RESULTADOS EN EL ISCEEM

Ma. Dolores García Perea
Alma Rosa Lara Contreras
Laura Patricia Juárez Toledo

DOI 10.37572/EdArt_28062138510

CAPÍTULO 11..... 138

INTERCAMBIOS ACADÉMICOS DESDE LA SOCIEDAD ARGENTINA DE CRIMINOLOGÍA, BUENOS AIRES 1935-1944

[Mariana Ángela Dovio](#)

DOI 10.37572/EdArt_28062138511

CAPÍTULO 12..... 149

CLAVES PARA REPENSAR LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA, EN EL MARCO DE LA PROVINCIA DE BUENOS AIRES

[Maria Cecilia Zappettini](#)

[Maria Soledad Tarquini](#)

[Edgardo Santiago Salaverry](#)

[Vivian M. Sfic](#)

[Claudia Jorgelina Serrano](#)

DOI 10.37572/EdArt_28062138512

CAPÍTULO 13..... 169

EVALUACIÓN DE LA COMPETENCIA DIGITAL DE LA UNIVERSIDAD VIÑA DEL MAR

[Kathya Viviana Oróstica Verdugo](#)

DOI 10.37572/EdArt_28062138513

CAPÍTULO 14..... 178

CÓMO TRABAJAR LA COMPETENCIA COMUNICACIÓN EFECTIVA DESDE LAS MATEMÁTICAS

[Francisco José Boigues Planes](#)

[Valentin Gregori](#)

[Anna Vidal](#)

[Abilio Orts](#)

DOI 10.37572/EdArt_28062138514

CAPÍTULO 15..... 189

TAWA PUKLLAY ATIPANAKUY: LOS 4 JUEGOS SAGRADOS DE LOS INKAS EN COMPETENCIA ARITMÉTICO-LÚDICA

[Dhavit Prem \(Carlos Saldívar Olazo\)](#)

[Divapati Prem \(Alvaro Saldívar Olazo\)](#)

[Rosario Guzmán](#)

DOI 10.37572/EdArt_28062138515

CAPÍTULO 16..... 198

TRABAJO COLABORATIVO PARA DESARROLLAR EL SISTEMA DE CAMBIO EN LA CLASE DE MATEMÁTICA CON ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS

Vicente Marlon Villa Villa
Mayra Karina Flores Escobar
Rodrigo Enrique Velarde Flores
Manuel Antonio Reino Reino
Jacqueline Guadalupe Armijos Monar

DOI 10.37572/EdArt_28062138516

CAPÍTULO 17 207

O CONTEXTO EDUCACIONAL NA PANDEMIA DE COVID-19: POSSIBILIDADES DE MEDIAÇÃO, INTERVENÇÃO E INTERAÇÃO NO APRENDER E ENSINAR MATEMÁTICA

Cília Cardoso Rodrigues da Silva
Cinthia da Silva Moreira

DOI 10.37572/EdArt_28062138517

CAPÍTULO 18..... 221

EL PROCESO DE FORMACIÓN DEL PROFESOR EN LÍNEA Y SU DESEMPEÑO EN LA EDUCACIÓN A DISTANCIA EN MÉXICO

Fabiola Flores Castro

DOI 10.37572/EdArt_28062138518

CAPÍTULO 19..... 235

COMPETENCIAS ANDRAGÓGICAS PARA EL FORTALECIMIENTO DE LA EDUCACIÓN VIRTUAL UNIVERSITARIA DURANTE LA PANDEMIA COVID-19

Derling José Mendoza Velazco
Derling Isaac Mendoza Flores
Luz Marina Flores Rodríguez

DOI 10.37572/EdArt_28062138519

CAPÍTULO 20247

SISTEMA DE NUMERAÇÃO DECIMAL E A FORMAÇÃO DOCENTE

Raquel Soares do Rêgo Ferreira
Renato Borges Guerra
Gleison de Jesus Marinho Sodré

DOI 10.37572/EdArt_28062138520

SOBRE OS ORGANIZADORES	259
ÍNDICE REMISSIVO	260

CAPÍTULO 5

PRÁTICAS EDUCATIVAS: EXPLORANDO O ENSINO DE HISTÓRIA EM ESPAÇOS MUSEAIS

Data de submissão: 30/04/2021

Data de aceite: 19/05/2021

Goreti Pélagué Pereira da Silva

Universidade Federal Rural de Pernambuco
Recife - Pernambuco
<http://lattes.cnpq.br/4954041121508334>

Déborah Roberta Santiago Chaves Vilela

Universidade Federal Rural de Pernambuco
Recife - Pernambuco
<http://lattes.cnpq.br/9140501119090048>

Zenaide Gregorio Alves

Universidade Federal Rural de Pernambuco
Recife - Pernambuco
<http://lattes.cnpq.br/4589080461015003>

RESUMO: Este artigo é resultado de um minicurso ofertado no VIII Encontro de Pesquisa em História da UFMG – EPHIS 2019 – em que discutimos acerca do ensino de História em espaços museais. Foi feita revisão bibliográfica sobre ensino escolar de História no Brasil, destacando sua importância e sua função social. Além disso, analisamos o uso dos bens culturais musealizados no processo de ensino e aprendizagem da disciplina. Por fim, apresentamos aqui relatos da experiência das dinâmicas realizadas com os participantes do minicurso. Cada

dinâmica foi construída a partir da pesquisa de mestrado das ofertantes do minicurso, sendo as três pesquisas realizadas na Universidade Federal Rural de Pernambuco, através do departamento de História e dentro da linha de pesquisa de Ensino de História e História regional. As pesquisas têm como objeto de estudo o ensino de história em espaços museais, sendo o primeiro sobre um museu de ciências (Espaço Ciência), o outro, um museu antropológico (Museu do Homem do Nordeste) e o último, um museu histórico (Museu Regional de Olinda). Dessa forma, buscamos analisar as múltiplas possibilidades de estudo da História em diferentes tipos de museus, propondo práticas educativas utilizando os mesmos. Dessa forma, buscamos neste artigo contribuir com o debate sobre o ensino da disciplina escolar de história, com ênfase no uso de museus como o eixo norteador da experiência pedagógica, além de apontar possibilidades de práticas docentes que estimulem o interesse dos(as) alunos(as), que sejam dinâmicas e construtivas.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História. Educação em museus. Práticas educativas.

EDUCATIONAL PRACTICES: EXPLORING THE TEACHING OF HISTORY IN MUSEA SPACES

ABSTRACT: This article is the result of a short course offered at the VIII History Research Meeting at UFMG - EPHIS 2019 - in which we discussed the teaching of History

in museum spaces. A bibliographic review of history schooling in Brazil was carried out, highlighting its importance and its social function. In addition, we analyze the use of musealized cultural assets in the teaching and learning process of the discipline. Finally, we present here reports on the experience of the dynamics carried out with the participants of the mini-course. Each dynamic was built from the master's research of the offerers of the mini-course, with the three researches being carried out at the Federal Rural University of Pernambuco, through the History department and within the research line of Teaching History and regional history. The research has as its object of study the teaching of history in museum spaces, the first being about a science museum (Espaço Ciência), the other an anthropological museum (Museu do Homem do Nordeste) and the last, a historical museum (Museu Olinda Regional Office). Thus, we seek to analyze the multiple possibilities of studying history in different types of museums, proposing educational practices using them. Thus, we seek in this article to contribute to the debate on the teaching of the school history subject, with an emphasis on the use of museums as the guiding axis of the pedagogical experience, in addition to pointing out possibilities for teaching practices that stimulate the interest of students (as), that are dynamic and constructive.

KEYWORDS: History teaching. Education in museums. Educational practices.

1 INTRODUÇÃO

O aspecto educativo do museu como espaço no qual pode-se desenvolver ações educativas é marcado pela inserção do público, com pessoas de várias classes sociais, no espaço do museu. Desde o século XIX, a maioria das atividades educacionais oferecidas às crianças e jovens pelos museus se destinavam as “visitas escolares” e ao “ensino com objetos” Studart (2006). Ao longo da trajetória do ser humano, observamos o registro das mudanças, sejam elas escritas ou não. Nos permitindo conceber os museus, como disse Gilberto Freyre (1985), como espaços vivos, não mais necrófilos.

Tendo em vista que os objetos nestes espaços podem ser os mesmos, o que mudará será a apropriação que se fará deles por meio da leitura e mediação, na qual o museu lhes afirmará a importância (Freyre, 1985). Falar de educação em museus remete ao “objeto gerador”, extraído a ideia de Francisco Régis (2004), no sentido de dialogar sobre uma alfabetização museológica a partir do trabalho com esses objetos geradores.

Devido ao diálogo entre o objeto gerador e a alfabetização museológica, os museus, independentemente de suas tipologias, podem ser utilizados pelo professor de história com o mesmo sentido dado por Pacheco e Meneses: Educar para a percepção da aventura humana no tempo por meio do contato com o objeto.

Ulpiano defende que os museus são os instrumentos ideais, não de cultivo, é claro, mas de análise. Além disso, no museu, a dimensão cognitiva sempre se imbrica,

profundamente, na afetiva e, portanto, os museus devem ser pensados como espaços para a formação da consciência crítica, que não pode ser massificada. (ULPIANO, 1994).

De acordo com o caderno da Política Nacional de Educação Museal – PNEM – a Educação Museal está focada nas teorias, metodologias e atividades realizadas durante as visitas em museus que buscam o aprendizado dos indivíduos e os saberes que desses espaços podem ser extraídos visando atender a essa finalidade.

Pensando na finalidade de explorar a educação em museus, buscaremos desenvolver tal proposta a base de colocar aspectos teóricos – descrevendo e justificando o espaço museológico como lugar de ensino e a parte prática exemplificada a partir de 3 atividades educativas que podem ser desenvolvidas em museus, como histórico, antropológico e de ciência, conciliando determinado conteúdos do currículo de história com a exposição de cada museu proposto.

2 ENSINO DE HISTÓRIA EM MUSEUS

Como proposta às demandas atuais por novas abordagens do ensino de história, a utilização de espaços museais se apresenta como uma forma de dar conta das exigências pedagógicas atuais. Ensinar história a partir dos documentos históricos da exposição é uma forma de suscitar situações-problema que se referem à construção da memória, seja ela local ou nacional, de um grupo social dominante ou das minorias.

Museus históricos geralmente possuem relação com o espaço físico (comunidade, cidade, estado) em que se localizam. Ou seja, estabelecem ligação com as pessoas que o circundam, com o modo de ser, fazer e viver da comunidade ao qual pertencem, remetem a um passado local que mantém laços com o presente.

A definição mais atual de museu segundo o ICOM (International Council of Museums) é:

Museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberto ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e exhibe o patrimônio tangível e intangível da humanidade e seu meio ambiente, para fins de educação, estudo e apreciação. (ICOM, 2017)

Em 2013 o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) foi criado sob a Lei nº 11.906/2009 através do decreto presidencial de nº 8.124, que também regulamentou a Lei 11.904/2009, denominada Estatuto de Museus. Esse documento estabelece:

Art. 2º. IX - museu - instituição sem fins lucrativos, de natureza cultural, que conserva, investiga, comunica, interpreta e expõe, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de outra natureza cultural, abertos ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento; (BRASIL, 2013, s.p)

Partindo das considerações postuladas nestes dois documentos, supracitados, encontramos as características que definem os museus como instituições propícias à realização de uso com diversas finalidades, dentre elas o estudo, a pesquisa e a educação, e a partir dos critérios que estabelecemos como objetivos neste trabalho, podemos facilmente tratar da educação em museus, por meio da elaboração de oficinas pedagógicas como recurso catalisador às ações educativas em museus voltadas ao Ensino de História.

No início do século XX, os museus foram criticados por representarem somente a história oficial e o patrimônio das elites. Nos anos 60, com o advento da indústria cultural, decretou-se a sua morte. Contudo, a partir do movimento denominado *Nova Museologia*, seu conceito amplia, o museu se consolida como importante instrumento de difusão e democratização cultural. (FERRARI, 2016, p. 151)

A autenticidade, característica principal dos museus modernos, cede espaço paulatinamente, à ideia de representatividade dos museus contemporâneos, no sentido em que diversos elementos culturais representativos dos múltiplos grupos sociais foram sendo incorporados a esses lugares de memórias.

Sabemos que o mundo ocidental pós-moderno se constrói na transição e transformação social, com caráter plural e contraditório, constituído por identidades múltiplas, conflitantes e fragmentadas (HALL, 2006). Da mesma forma, os museus contemporâneos acompanham as dinâmicas atuais, se constituindo como lugares de disputa, da dialética da lembrança e do esquecimento.

A valorização das memórias coletivas é tarefa primária dos museus e é na relação entre lembrança, esquecimento e poder que se constroem discursos e se colocam em evidência culturas e identidades. Essa escolha é feita a partir de uma dinâmica regida por elementos políticos, culturais, sociais dotados de poder na sociedade.

Estudar história através da educação patrimonial favorece a construção da cidadania dos indivíduos, uma vez que é estabelecida uma relação entre o passado e o presente por meio do resgate da memória social. Os objetos do patrimônio cultural de um povo fazem parte da constituição e reafirmação da sua história, eles se constituem como elementos fundamentais na construção e consolidação da identidade cultural dos grupos aos quais fazem parte.

No estranhamento do uso e da importância que determinado objeto teve no passado – já que não faz mais sentido seu uso original no presente – é possível pensar como mulheres e homens do século XIX se comportavam e se relacionavam entre si. Afinal, um objeto musealizado perde sua função original, sua função de uso, e passa a ser carregado de valor simbólico, como nos diz Ramos:

Ao entrar no espaço expositivo, o objeto perde seu valor de uso (...). Quando perdem suas funções originais, as vidas que tinham no mundo fora do museu, tais objetos passam a ter outros valores, regidos pelos mais variados interesses. (RAMOS, 2004, p. 19 e 29)

Assim, compreender o valor simbólico das peças exige um diálogo, uma interpretação. São as perguntas que lançamos aos objetos museais que dão sentido à peça, à exposição, ao museu; são os questionamentos de cada observador que determinam a sua relação pessoal com o objeto cultural exposto, conectando passado-presente-futuro.

Segundo Pacheco:

Como um tema portador de um valor próprio – e não mais como alegoria de um passado – o patrimônio histórico musealizado é estratégia para a percepção das características culturais de diferentes momentos do passado. (PACHECO, 2015, p. 1)

Questionamentos como esse favorecem, por exemplo, a percepção das permanências e rupturas da história, concepções importantes para a compreensão dos processos históricos. Nesse sentido, entendemos os museus como espaços privilegiados de preservação e divulgação das memórias coletivas. Sendo que isso se faz através dos objetos culturais que apresentam traços da cultura de um grupo.

Entendemos que a disciplina escolar de História é responsável pelo entendimento das relações sociais. E por isso mesmo está comprometida com a formação do cidadão, com o oferecimento de informações, conceitos e estratégias de interpretação dos dados sociais que lhes permitiram interpretar seu contexto social.

As instituições museológicas sempre se configuraram como espaços educativos e essa função sempre esteve presente nas definições desses lugares. Levar alunos para visitar museus é uma prática antiga e bem conhecida, mas o que tem crescido são as discussões sobre como transformar o passeio em aula.

As metodologias do estudo do meio (BITTENCOURT, 2011) e da educação patrimonial (HORTA, 1999) se preocupam com um trabalho que priorize o “desenvolvimento de habilidades do que à memorização de informações” (PACHECO, 2017, p. 76).

Horta, Grunzberg e Monteiro (1999) conceituam a metodologia da Educação Patrimonial como:

um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento. A Educação Patrimonial é um instrumento de alfabetização cultural que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. (HORTA; GRUNZBERG; MONTEIRO, 1999, p.4)

Dessa forma, entendemos a metodologia da educação patrimonial como parte de uma educação integral, preocupada com a formação de sujeitos que saibam ler o mundo e agir dentro da sociedade. Isso é possível através do acesso e contato com os objetos do patrimônio cultural – material ou imaterial – bem como dos diversos espaços culturais.

Já o estudo do meio, segundo Circe Bittencourt:

É um método de investigação cujos procedimentos se devem ater a dois aspectos iniciais. O primeiro deles é que esse método é um ponto de partida, não um fim em si mesmo. O segundo é que sua aplicação resulta sempre de um projeto de estudo que integra o plano curricular da escola e pode ser integral ou parcial. [...]. (BITTENCOURT, 2011, p. 280-281)

Essas propostas metodológicas surgem do esforço de repensar o ensino tradicional diante de uma realidade de alunos (indivíduos) que se constroem dentro da lógica do mundo (ocidental) pós-moderno e globalizado.

Os museus de história se encaixam nesse contexto como lugares privilegiados de promoção à cidadania devido ao seu enorme potencial educativo. Concordamos com Ramos (2004) quando destaca que o papel educativo dos museus vai muito além de observar os objetos da exposição, mas, sobretudo, o seu potencial argumentativo, sua capacidade de levar os alunos a uma reflexão crítica.

Experiências didáticas vividas através da observação e exploração dos objetos culturais dos museus históricos promovem o saber crítico e possibilitam o estudo das problemáticas históricas (história-problema), através da construção de perguntas que tem:

o passado como fonte de reflexão acerca do presente, indagando as inúmeras tensões e conflitos que se fazem em mudanças e permanências. Assim, a história deixa de ser uma sucessão de eventos e assume a condição de pensamento sobre a multiplicidade do real (RAMOS, 2004, p.25).

Os museus dispõem de diversas possibilidades de experiências educativas de caráter interdisciplinar e atrativo para crianças e adolescentes. Através do encontro do indivíduo com o objeto histórico. Esses espaços proporcionam aos alunos a reflexão dos diversos sentidos implícitos nos objetos culturais, desde fatos do passado até a relação que eles estabelecem com o tempo presente.

Ensinar história não é apenas expor aos alunos recortes de fatos, pedaços de um tempo passado, é preciso ir além, através de debates que repensem os caminhos para a cidadania, para uma sociedade justa, igualitária e inclusiva, com respeito à pluralidade.

O uso didático do museu é uma das suas mais importantes funções, e, portanto, deve ser sempre encorajado, incorporando às aulas debates sobre:

o que é um museu e sobre o seu papel na constituição da memória social, sendo fundamental, nessa iniciativa, mostrar que tipos de objetos são ali preservados

e expostos, a fim de oferecer uma compreensão do que seja uma "peça de museu" (BITTENCOURT, 2011, p. 356-357).

Mas, para que a atividade educativa no museu não se resuma apenas a um 'passeio', o(a) professor(a) precisa aliar o tema da exposição ao tema trabalhado em sala de aula. Segundo Pacheco (2012), isso se faz através da produção de um projeto didático que prepare os alunos para a visita e que, posteriormente, traga para a sala de aula as informações e aprendizagens construídas na visita.

Por isso entendemos que o planejamento para o uso didático do museu na sala de aula deve estar atento e prever, inicialmente, a vinculação dos conteúdos estudados à exposição que será visitada; em seguida, a realização da visita com uma programação definida; e, de volta à sala de aula, a utilização da experiência vivida no museu para a realização de uma produção cultural.

O planejamento das aulas é tarefa fundamental da docência. Quando se utiliza o museu e o patrimônio cultural material, o(a) docente precisa organizar a visita com antecedência e analisar qual a melhor forma de abordar a exposição. Assim, não se faz necessário que a turma visite todas as salas de exposição. Ou seja, o(a) professor(a) pode se ater a apenas uma parte do museu ou a um conjunto de peças pré-selecionadas, para não perder o foco do objetivo didático da visita.

O planejamento de três tempos proposto por PACHECO (2012) é a forma como o docente organiza o 'passeio ao museu' aproveitando o lúdico, mas sem esquecer o significado pedagógico da atividade. Assim, o professor, em seu plano de aula, divide em três etapas o projeto didático: o momento anterior à visita – que pode ser em uma aula ou mais; a visita do museu; e o fechamento do plano, com o debate das impressões dos alunos sobre o que foi visto e estudado.

É importante que a turma seja preparada antes da visita ao museu, tendo em vista que esse espaço se expressa num formato específico, através das artes plásticas, da leitura de imagens e objetos, da apreciação dos sons e da luz e de diversos outros estímulos que não são vividos em sala de aula e que, muitas vezes, são completamente novos para os alunos.

Concordamos com Pacheco quando diz:

A qualidade da atividade e seu significado pedagógico dependem da qualidade do cuidado do professor no momento do planejamento da atividade. É esta previsão das ações que direciona a atenção dos alunos para as atividades didáticas e potencializa o impacto da experiência vivida pelo aluno. (PACHECO, 2012, p. 69).

Ou seja, o(a) docente precisa estar atento ao seu objetivo didático com a visita, visando as habilidades e competências a serem desenvolvidas, e o conhecimento que a turma deverá construir.

Da mesma forma, ALMEIDA; VASCONCELOS (2010) apontam que “é preciso compreender as mensagens propostas pela exposição e construir novas significações a partir delas”. Ou seja, a exposição museal deve ser entendida como um documento histórico e, portanto, deve ser analisado e ressignificado, a partir de propostas pedagógicas oferecidas pelo(a) docente.

Concordamos com os autores quando nos dizem que o museu é um espaço privilegiado para o ensino de história, em que o docente elabora sistematicamente o uso didático do museu. Para isso, previamente há o trabalho de compreensão da linguagem própria dos espaços museais e sua relação com o conteúdo estudado, resultando na fruição pedagógica desejada da exposição.

Dessa forma compreendemos também que os museus históricos são importantes laboratórios de história, e que seu uso didático vai além de entendê-los como espaços apenas de apreciação, mas de construção do conhecimento histórico.

Os objetos museais são fontes concretas da história, seu uso didático resulta em pensar a utilização de elementos da cultura material como documento de investigação da história e como objeto de memória de determinada sociedade.

Estudar história através da educação patrimonial favorece a construção da cidadania dos indivíduos, uma vez que é estabelecida uma relação entre o passado e o presente por meio do resgate da memória social. Os objetos do patrimônio cultural de um povo fazem parte da constituição e reafirmação da sua história, eles se constituem como elementos fundamentais na construção e consolidação da identidade cultural dos grupos aos quais fazem parte.

2.1 O MUSEU E O SEU POTENCIAL EDUCATIVO

Os museus em suas potencialidades configuram-se como fonte para o ensino de história e das demais ciências, possibilitando dentro das demandas contemporâneas, o uso do campo pedagógico como desenvolvimento cognitivo, de fruição com o imaginário e da formação crítica dialógica com o espaço expositivo. Mas, como se dá essa fruição? A substituição dos modelos formais educativos é o diferencial do museu, que vai fazer o aluno visitante reconhecer-se dentro desse processo, dentro de suas perspectivas, construções de mundo e imaginário.

Espaço de pesquisa, legitimação, de afirmação de poderes, pontes sociais e culturais, os museus assumem o papel formador e gerador do conhecimento. O ICOM, em sua definição, objetiva a instituição museu, pontuando da seguinte maneira:

O termo “museu” tanto pode designar a instituição quanto o estabelecimento, ou o lugar geralmente concebido para realizar a seleção, o estudo e a apresentação de testemunhos materiais e imateriais do Homem e do seu

meio. A forma e as funções do museu variaram sensivelmente ao longo dos séculos. Seu conteúdo diversificou-se, tanto quanto a sua missão, seu modo de funcionamento ou sua administração (Comitê Internacional De Museologia do ICOM, 2010. p. 64).

A proposta museológica da instituição direcionará a ação educativa, corroborando como a estruturação do espaço expositivo, partindo desde a sua acessibilidade ao método de condução utilizado pelos mediadores. Proporcionar uma produção de conhecimento dentro do espaço museal requer sensibilidade e olhar de dentro da instituição para fora com os visitantes, partindo da premissa, que os próprios objetos e sua organização já carregam um discurso.

Ao que entendemos o trabalho educativo dos museus, a instituição terá como compromisso, estimular os mediadores com embasamento teórico, na formulação de roteiros de mediação, aos quais, norteará inclusive o uso das mídias digitais que o espaço venha a ter, como ferramenta que auxilia no percurso o diálogo entre exposição, seus objetos e o público.

Desmistificar o saber dentro dos parâmetros não formais de educação, ou seja, longe dos muros da escola, qualifica um recorte didático mais espontâneo, onde os alunos de uma forma geral, desde os que vistam aos mediadores, podem dentro da perspectiva frutiva apropriar-se da temporalidade histórica, da orientação/ valorização do patrimônio, de sua identidade e suas memórias, com autonomia, levando-o a um estado de apropriação, saindo do campo das ideias alçadas teoricamente, passando para uma perspectiva de “realidade”. Dentro dessas proposições, devemos pensar o espaço museal “sendo um território de memórias e como recurso de estratégias a seu serviço” (MENEZES, 1992, p.6).

Os museus são instituições onde a disciplina História pode ser bastante explorada como um local de aprendizagem e se tratando do museu de ciência, o mesmo se aplica, em suas exposições onde podemos observar os testemunhos materializados de teorias e conceitos apoiados em um discurso que faz os indivíduos se perceberem pertencentes a uma sociedade complexa que se estrutura à base da técnica e da tecnologia.

3 RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Tivemos a oportunidade de executar a oficina Brasil: uma pátria estrelada, no VIII Encontro de Pesquisa em História, na Universidade Federal de Minas Gerais, no campus da Pampulha, Belo Horizonte, no dia 14 de Maio de 2019.

Essa atividade compôs, juntamente com outras oficinas, a parte prática de um Minicurso desenvolvido no mesmo evento. Minicurso este que tratou de explorar o Ensino

de História em espaços museais por meio de práticas educativas. Nele se exemplificou o desenvolvimento de oficinas pedagógicas em museus de diferentes tipologias, dentre elas um museu de ciência.

Nossa proposta da oficina Brasil: uma pátria estrelada serviu para nortear uma maneira de trazer um conteúdo do currículo de História abordado em sala de aula para o museu de ciência de forma prática, interdisciplinar.

Na ocasião a oficina foi proposta e executada com alunos da graduação de diversas áreas: História, Artes Cênicas, Museologia, Geografia e outros.

3.1 O CÉU E A REPÚBLICA

A atividade iniciou com a entrega dos materiais (folhas em branco, lápis grafite e lápis de cores diversas) aos participantes.

Em seguida foram dadas as instruções para desenharem a bandeira do Brasil de acordo com a memória que cada tinha deste símbolo.

Ao término desse momento, cada participante mostrou seus desenhos, os quais iam desde desenhos grandes com uso de todas as dimensões da folha, quanto de pequenos desenhos e com distorções de dimensões. As cores também não foram postas em consonância com a bandeira oficial. Como as recomendações foram dadas apenas para que reproduzisse a bandeira nacional de forma livre, alguns participantes, no momento de mostrarem seus desenhos, alegaram que decidiram representar de modo inovador, e trocaram as cores e justificaram a escolha de cores diferentes às presentes na bandeira.

Em seguida foi explicado o objetivo da confecção dos desenhos, pois se tratava de uma atividade na qual exploraríamos os significados e características das bandeiras do Brasil em diferentes períodos históricos (cores, elementos e frases).

Ao explicar cada bandeira e seus respectivos períodos, também exploramos seus elementos e significados. Esta etapa foi a parte expositiva da nossa atividade, pois além de explanar os elementos históricos que caracterizaram os períodos citados, também estabelecemos diálogos com os participantes.

Alongamos mais tempo quando abordamos a bandeira da atual República e seus elementos. Questionamos os participantes a respeito do significado das cores verde, amarelo, azul e branco. A maioria das respostas foi semelhante, outras foram mais receosas.

Depois dos questionamentos e respostas, explicamos o antigo e atual significados das cores, onde: na época do Império tinha um significado, e a partir de 1988 passou a ter outro.

Assim, as faixas horizontais do modelo provisório se tornaram no retângulo verde, losango amarelo e o círculo azul, que já foram usados na bandeira Imperial e conservaram

os mesmos significados nas cores. Tendo no verde do retângulo, a representação da Casa de Bragança (a família de Dom Pedro I) e a natureza do Brasil. O amarelo do losango, era a cor da Casa de Lorena (da arquiduquesa Dona Leopoldina, esposa de Dom Pedro I) e riqueza mineral do país. E o círculo azul era a esfera armilar e o céu estrelado. A faixa branca é a linha zodiacal em sentido descendente da esquerda para a direita. A frase “Ordem e Progresso”, inspiração Positivista (Adaptado de CARVALHO, 1990).

Apresentamos imagens de cada estrela na bandeira, e suas relações com os estados brasileiros representados no círculo azul.

Após o momento de aula expositiva apresentamos a Lei Nº 5.700, Art. 5º, Lei da Bandeira Nacional (dimensões e recomendações). Em cada artigo da lei solicitamos aos participantes para executarem as coordenadas, tendo em vista que, ao seguir as instruções desta Lei, a bandeira pode ser confeccionada com proporções iguais em qualquer plano.

Os cálculos para dimensões da largura deveriam ser divididos em 14 partes iguais, independente se será reproduzida em uma folha de papel A-4, ou um corte de tecido de 20x30 m.

O comprimento de 20 módulos (M); a distância dos vértices do losango amarelo ao quadro externo de 1,7 (M); O círculo azul no meio do losango amarelo terá o raio de 3,5 (M); dentre outras medidas disponíveis em anexo.

Para que a confecção da bandeira esteja dentro das proporções do plano em que será feita é importante sempre considerar as configurações da Lei Nº 5.700 para atender as proporções necessárias. Conduzimos aos participantes que seguissem tais orientações e as fossem registrando em outra folha de papel ofício em branco.

Na culminância da oficina foi solicitado aos participantes que comparassem os primeiros e os segundos desenhos feitos por eles, com a representação da bandeira nacional disponível no momento da atividade.

Durante toda a atividade, os presentes se fizeram muito participativos, colaborando com comentários e questionamentos relacionados ao conteúdo.

3.2 O BAÚ DAS ETNIAS

Usamos como referência para montagem dessa oficina, um Programa Educativo do Museu do Homem do Nordeste, ocorrido entre os anos de 1996 e 1997, denominado “Caixas Didáticas”. Como esse programa foi analisado na minha pesquisa de Mestrado na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) entre os anos de 2017-2019, na ocasião da montagem das oficinas, fizemos um recorte de uma das temáticas abordadas no programa e assim, formulamos a oficina “o baú das etnias”.

Durante a pesquisa, tivemos acesso aos planejamentos e os relatórios anuais do Departamento de Documentação da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), onde constam as ações desenvolvidas pela equipe do Educativo do Museu do Homem do Nordeste. Ali se descrevem as ações, o público atingido e os membros envolvidos.

Nos relatórios de ações dos anos de 1996 e 1997 encontramos o planejamento e a execução do Programa Educativo “Caixas Didáticas” sob a Coordenação de Maria Regina Batista e com o apoio de Sílvia Brasileiro. Sobre essa ação o arquivo da instituição mantém cópias do material impresso que contém as instruções para o uso das caixas didáticas, cópia do panfleto de divulgação que explicam aos professores as características da atividade e também guarda fotos de atividades realizadas.

O folder explicativo do programa descreve a sua finalidade e como seria a proposta pedagógica realizada. Usando o título “O que é a Caixa Didática?”, descrevendo-o da seguinte maneira:

O que é caixa didática?

A Caixa Didática é um kit educativo, de auxílio ao professor que permite a exploração em sala de aula ou qualquer espaço público, de temas relativos à cultura nordestina, destinado a atender aos programas de ensino básico do 1º grau.

Foi projetada de modo simples e objetivo, em forma de caixa, facilitando o acesso do usuário à exposição e o seu manuseio, contendo 10 peças do acervo do Museu do Homem do Nordeste, descritos e ilustrados com fotografias, etiquetas informativas, texto e Caderno Didático contendo:

- Texto sobre o assunto e relação dos objetos em exposição;
- Roteiro para o desenvolvimento e trabalhos em classe;
- Bloco de ilustrações para o desenvolvimento das atividades práticas;
- Formulários de instruções de uso;
- Formulário de requisição de empréstimo da Caixa Didática;
- Formulário de avaliação do projeto para escola e ou professor.

Esse processo interativo sugerido pela Caixa Didática proporciona melhor compreensão do tema, fixação da tecnologia demonstrada e desenvolvimento do processo criador. (FUNDAJ, 1997)

Com base nas informações do folder e da documentação institucional sobre a montagem das caixas, montamos o baú das etnias para a sua aplicação na oficina.

Iniciamos a apresentação da oficina com uma parte teórica explicando a história do Museu do Homem do Nordeste (MUHNE), como foi criado o educativo, a importância da educação em museus e como foi desenvolvido o Programa Caixas Didáticas. Relacionamos os conteúdos de história que poderíamos visualizar no programa: História Indígena, História do Nordeste do Brasil, História da Etnografia Nacional.

Apresentamos imagens das vivências do período que foi estudado e o que potencialmente poderia ser abordado de conteúdo de história na sala de aula, com o recorte da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

No segundo momento, explicamos que a nossa escolha foi baseada na caixa didática número 1, a que trazia conteúdos e objetos da história e cultura indígena. Colocamos no centro da mesa o nosso baú com os seguintes objetos: maracás, apitos, chocalhos, cordel, peneira, peteca, utensílios em barro e madeira (colheres, garfos). Realizamos nesse momento uma experiência sensorial, pedimos para os participantes pegarem, observarem as cores, os tamanhos, escolhessem um e se eles conseguiram relacionar a uma memória.

Após a primeira orientação, pedimos para que fosse escrito no papel ofício a descrição do objeto e uma narrativa sobre um conteúdo para ensinar história. Feito isso, orientamos a complementar com a seguinte orientação: Como eles apresentariam o objeto para um estudante em uma aula?

Como havia a limitação do tempo, nossa oficina teve que ser mais compacta, pois sabemos que o desenvolvimento de um projeto como esse, com as várias etapas orientadas levaria muito mais tempo do que o que tínhamos disponível.

Após a leitura dos objetos, os participantes apresentaram seus objetos, narrativas e como utilizam em suas aulas. Grande parte das apresentações versava sobre as memórias da infância ou dos mais antigos, avôs e avós, que em algum momento usaram ou apresentaram os objetos para os participantes. Outro ponto importante trazido foi como familiares, trouxeram para eles as vivências da cultura nordestina através de objetos em casa que estavam representados ali.

Nesse último momento, o produto final da oficina foi a montagem de um plano de aula utilizando as temáticas junto com os objetos de conhecimento e habilidades da BNCC. Assim, associamos os temas as seguintes competências de história no Ensino Fundamental Anos Finais: “1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo. 4. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.”

Como resultado, percebemos a relação entre os objetos e a nossa história de vida e como ao longo do tempo se resignificam, à medida que transitam entre a memória coletiva e a memória dos objetos. Outro ponto percebido é que, ao trazer objetos do cotidiano para as vivências de sala, seja nas aulas de história ou de artes, por exemplo.

3.3 O MUREO E O COTIDIANO

Iniciamos apresentando o Museu Regional de Olinda – MUREO, contando a história da instituição, o contexto histórico de sua fundação e destacando três salas de exposição. O MUREO reproduz uma típica casa da elite colonial brasileira, então buscamos analisar as rupturas e continuidades históricas do cotidiano brasileiro a partir da exposição do museu.

Na sequência, apresentamos em slides imagens de três diferentes salas de estar: a sala de exposição do MUREO que reproduz uma sala de estar do século XIX; outra sala de estar de imagem de site da internet retratando uma sala do século XX; e a última também retirada da internet que mostra uma sala do século XXI.

Fizemos leitura das imagens, identificando os objetos presentes em cada uma delas, reconhecendo o material que são feitos, o que simbolizam, a organização dentro do espaço, os seus usos e funções, etc. A ideia aqui foi de analisar a relação micro-macro ao longo da história, ou seja, como os objetos domésticos estão relacionados ao contexto histórico de cada período, pois ao analisarmos, por exemplo, as mudanças na matéria prima dos objetos, percebemos que como avanço industrial e tecnológico os objetos do uso cotidiano acompanharam essas transformações.

Em seguida, respondemos coletivamente algumas questões – exibidas em slides. São elas:

1. Quais objetos se repetem ao longo dos anos?
2. Quais objetos chamaram a sua atenção?
3. Qual mais se aproxima da sua realidade?
4. Alguma esteve presente em algum momento da sua história?
5. Quais as principais mudanças entre as salas?

Depois, iniciamos a produção do produto final dessa proposta didática. Então, foi entregue aos participantes um conjunto de *cards* de imagens de objetos do mobiliário de diferentes épocas (séculos XIX, XX e XIX). A turma foi dividida em trios e cada um teve que montar uma sala de exposição museal reproduzindo uma sala de estar colando os *cards* em uma folha de ofício.

Cada *card* apresenta uma peça de mobiliário, de decoração ou de eletrodoméstico, sendo sofá, abajur, televisão, telefone, quadro, lustre e luminária. Cada objeto desses foi escolhido por século, ou seja, o mesmo objeto em diferentes períodos históricos, sendo séculos XIX, XX e XXI – exceto o telefone e a televisão que foram apenas dos séculos XX e XXI.

Após a montagem das exposições com os *cards*, cada trio apresentou sua produção ao grande grupo, explicando suas escolhas. É importante mencionar que a maioria das escolhas foi feita pela afetividade, ou seja, por haver alguma relação afetiva com alguns dos objetos. Mas, muitos escolheram objetos pela sua funcionalidade – é o caso dos eletrodomésticos – e também pelo valor estético – os quadros e luminárias.

Para encerrar, discutimos sobre como os objetos antigos se relacionam com o presente, através da memória social ou pessoal. Quando se trata de bens culturais não é diferente, pois eles também mantêm relações com o hoje, através da afetividade, dos valores morais, dos traços culturais e etc. de determinado grupo social.

Quando tratamos do cotidiano doméstico, os objetos que compõem uma casa possuem relações com a vida fora dela, ou seja, se transformam ao longo do tempo, pois questões políticas, econômicas, religiosas, sociais e culturais interferem na organização dos nossos domicílios, na forma como interagimos com o mobiliário e como vivemos dentro desse espaço privado.

4 CONCLUSÃO

Neste trabalho quisemos mostrar as possibilidades de ensinar história em espaços museais, de diferentes tipologias. Por meio do uso de metodologias pensadas, elaboradas e voltadas a atender os objetivos, por nós propostos. Seja através da mediação ou por meio da participação em oficinas pedagógicas, os conteúdos da História estão presentes no museu e nos objetos, e estão repletos de possibilidades de abordagens.

Tais reflexões reforçam a importância de ensinar História em um museu de ciência, de antropologia ou histórico, mas na verdade as possibilidades se expandem à medida em que nos debruçamos a pensar nos objetos disponíveis e as necessidades próprias do ensino de história.

O que nos propomos fazer neste trabalho, foi explorar as possibilidades de ensinar história em espaços museais, para mostrar como práticas educativas sistematizadas favorecem a construção do saber e o aprendizado dos alunos, e que perpassam os muros da escola.

Além de explanarmos um modelo de plano de aula, adaptado para serem desenvolvidos em oficinas pedagógicas que nos serviram como exemplo de ações educativas exemplificando uma maneira de ensinar História em um museu. Também trouxemos os relatos das experiências em que executamos as três propostas de oficinas, pensadas a partir do modelo de plano proposto. As oficinas tiveram por finalidade a promoção e o desenvolvimento de atividades de natureza científica de maneira que pudessemos explorar o potencial educativo dos museus.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELOS, Camillo de Melo. **Por que visitar museus**. In: O saber histórico na sala de aula. 12 Ed., 1ª reimpressão - São Paulo: Contexto. 2010.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____, Circe. **Abordagens históricas sobre a história escolar**. Educ. Real, Porto Alegre, v. 36, n1, p 83-104, 2011.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM**. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/acessoainformacao/o-ibram/>>

_____. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília: MEC, s/d.

_____. Lei N° 11. 904/2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/>. Brasília DF. 14 de Jan. de 2009. Acesso em 26-12-2017.

FERRARI, Melodi. **Políticas culturais em museus: Panoramas e perspectivas do cenário brasileiro**. Mosaico, Volume 7, Número 11, 2016.

Fundação Joaquim Nabuco. **Relatórios de atividades de 1996**. Recife, Ed. Massangana. 1997.

Fundação Joaquim Nabuco – INDOC/ MUHNE. **Folder de comunicação – projeto caixa didática**. Recife, 1997.

Fundação Joaquim Nabuco – INDOC/ MUHNE. **Projeto caixa didática**. Recife, 1997.

HALL, S. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 11. Ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HORTA, M.L.P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A.Q. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília, IPHAN, Museu Imperial, 1999.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. **Do teatro da memória ao laboratório da História: A exposição museológica e o conhecimento histórico**. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Ser. v.2 p.9-42 jan./dez. 1994.

_____, Ulpiano Toledo Bezerra de. **O campo do Patrimônio Cultural: uma revisão de premissas**. In: IPHAN. I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Ouro Preto/MG, 2009. Brasília: IPHAN, 2012. P. 25-39. (Anais; v.2, t.1).

MUSEOLOGIA DE Conceitos-chave /André Desvallées e François Mairesse, editores; Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury, tradução e comentários. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013. 100 p.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Ensino de História e Patrimônio Cultural: Um Percurso Docente**. 1. Ed. Jundiaí, SP: Paco, 2017.

_____. **O museu na sala de aula: propostas para o planejamento de visitas aos museus**. Florianópolis, v. 4, n. 2, pp. 63 – 81, jul./dez. 2012.

_____. **Um museu monumento: o Museu Regional de Olinda**. História, cultura e patrimônio: experiências de pesquisa. Recife, 2015.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do Objeto**: o museu no ensino de história. Chapecó: Argos, 2004.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **Repensando a ação cultural e educativa dos museus**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1993. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=20&sigla=PatrimonioCultural&retorno=paginalphan>.

SOBRE OS ORGANIZADORES

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO: Profesora y Licenciada en Física, Doctora en Ciencias Física. Directora del Departamento de Física de la Facultad de Ciencias Exactas y Naturales de la Universidad Nacional de Catamarca, Argentina. Editora de la Revista Electrónica “Aportes Científicos en PHYMATH” – Facultad de Ciencias Exacta y Naturales. Profesora Titular Concursada, a cargo de las asignaturas Métodos Matemáticos perteneciente a las carreras de Física, y Física Biológica perteneciente a las carreras de Ciencias Biológicas. Docente Investigadora en Física Aplicada, Biofísica, Socioepistemología y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaria de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área Multidisciplinaria relacionado a fenómenos físicos-biológicos cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas. Participación en disímiles eventos científicos donde se presentan los resultados de las investigaciones. Autora del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Coautora del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Miembro de la Comisión Directiva de la Asociación de Profesores de Física de la Argentina (A.P.F.A.) y Secretaria Provincial de dicha Asociación.

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ: Profesor y Licenciado en Matemática, Candidato a Doctor en Ciencias Humanas. Profesor Titular Concursado, desempeñándose en las asignaturas Matemática Aplicada y Modelos Matemáticos perteneciente a las carreras de Matemática. Docente Investigador en Matemática Aplicada, Biomatemática, Modelado Matemático, Etnomatemática y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaria de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área Multidisciplinaria relacionado a Educación Matemática desde la Socioepistemología cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas y de la Matemática Discreta. Autor del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Coautor del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Desarrollo de Software libre de Ecuaciones en Diferencias, que permite analizar y validar los distintos Modelos Matemáticos referentes a problemas planteados de índole multidisciplinarios. Ex Secretario Provincial de la Unión Matemática Argentina (U.M.A) y se participa en diversos eventos científicos exponiendo los resultados obtenidos en las investigaciones.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Actitud de empresario 128

Andragogía 235, 243, 244, 245

Aprendizagem matemática 207

Aprendizaje basado en competencias 66, 75

Aritmética lúdica 189

Arte terapia 66, 68, 70, 71, 72, 73, 74

Atividade de Estudos e Investigação (AEI) 247

Autonomía 8, 22, 32, 33, 34, 39, 44, 57, 78, 79, 90, 124, 133, 134, 153, 160, 200, 211, 227

C

Ciudadanía 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 88, 89, 90, 91, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 175

Competencia 71, 72, 73, 150, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 189, 234, 236, 242, 243

Competencia digital 150, 169, 170, 171, 172, 175, 176, 177

Competencias docentes 235

Covid-19 207, 208, 209, 219, 235, 236, 237, 244, 245

Criminología 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

Cuestionario de Autorreflexión 66, 67, 71, 73

Cultura 4, 6, 11, 14, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 36, 39, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 53, 56, 60, 61, 64, 68, 69, 77, 78, 79, 80, 82, 84, 85, 86, 99, 106, 115, 116, 117, 120, 122, 125, 133, 142, 145, 154, 155, 158, 160, 167, 168, 170, 175, 219, 230, 234, 242

D

Docencia Universitaria 188, 199

E

Educação em museus 48, 50, 51, 52, 60

Educação Musical 76, 80, 87

Educación 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 14, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 67, 68, 69, 74, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 102, 109, 111, 112, 114, 115, 125, 126, 127, 128, 134, 136, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 165, 167,

168, 169, 170, 171, 172, 175, 176, 177, 178, 179, 188, 195, 198, 199, 200, 204, 206, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 243, 244, 245, 246

Educación a Distancia 221, 222, 223, 224, 225, 226, 228, 231, 232, 234

Educación alternativa 22

Educación superior 115, 157, 169, 170, 171, 175, 176, 177, 225, 234, 235, 236, 245

Educación virtual 167, 233, 234, 235, 236, 237, 239, 240, 243, 244

Efectiva 1, 2, 68, 73, 133, 174, 178, 179, 182, 188, 225, 236, 238, 239

Enseñanza 5, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 30, 67, 68, 69, 72, 90, 103, 106, 107, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 170, 179, 181, 192, 193, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 221, 222, 223, 224, 228, 230, 231, 234, 236, 239, 242, 243, 244, 246

Ensino de história 49, 51, 52, 56, 63, 64, 65, 77

Ensino remoto 207, 208, 210, 211, 212, 218, 219

Entornos Virtuales 221, 234

Estudiantes 8, 10, 16, 17, 18, 19, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 113, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 134, 135, 153, 154, 155, 158, 159, 161, 164, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 182, 183, 186, 188, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 222, 223, 226, 227, 228, 229, 231, 235, 237, 238, 241, 242, 243, 244, 245

Etnomusicologia 76, 80

Evaluación 75, 91, 157, 158, 169, 170, 175, 176, 177, 188, 195, 201, 224, 227, 231, 234, 238, 239, 243, 245

Exclusión 4, 8, 23, 30, 113, 114, 119, 124

Experimentación 13, 14, 107, 191, 192, 245

F

Facilitador 221, 227, 236, 240, 241

Física 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 155, 219, 246, 252, 253

Formação de professores 247, 248, 249, 257, 258

G

Geografía escolar 150, 167

Gestión del conocimiento 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 136, 137

Google Meet 207, 208, 209, 211, 212

H

Heterotopías 88, 89, 90, 93, 94, 95, 97, 99, 101, 102, 104, 106, 107, 108, 109, 110

I

Identidad 1, 2, 4, 5, 6, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 99, 122, 159, 160, 175

Inclusión 1, 2, 3, 8, 10, 37, 113, 114, 120, 121, 123, 153, 160, 162

Intercambios académicos 138, 146

Interculturalidad 22, 32, 34

J

Jamborad 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219

Jardín infantil 88, 89, 92, 93, 94, 102, 103, 104, 106, 107, 109

Juego matemático 189

Juventud 2, 3, 4, 8, 9, 10, 11

K

Knowledge works 128, 133, 135

M

Matemáticas comunicación 178

México 20, 21, 22, 30, 31, 34, 35, 66, 74, 127, 128, 134, 136, 177, 189, 206, 221, 222, 223, 225, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234

Modelos matemáticos 13, 15, 16, 17, 20

Movimentos sociais 36, 38, 41, 43, 46, 47

Música 29, 68, 76, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 165

P

Pedagogia contra-hegemônica 36

Política educativa 24, 149, 150, 151

Práticas educativas 42, 49, 58, 63

Primera infancia 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 109

Processo de Ensino 49, 76, 210

Profesor 18, 22, 141, 142, 143, 145, 153, 179, 183, 202, 221, 222, 223, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 237, 238, 239, 241, 245

Q

Questão Agrária 36, 37, 48

R

Reconocimiento e identidad 22

S

Saberes 1, 2, 4, 12, 13, 17, 20, 22, 24, 25, 30, 32, 36, 41, 44, 51, 76, 78, 79, 80, 83, 84, 85, 86, 117, 147, 148, 149, 150, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 164, 168, 247, 251, 257, 258

Saberes indígenas 22

Significaciones sociales 113, 115, 119

Sistema de cambio 198, 199, 200, 202, 203, 204

Sistemas de Numeração Decimal 247

Sociedades científicas 138, 141

Socioepistemología 12, 13, 14, 15, 20

T

Tawa Pukllay 189, 192, 193, 195, 196

Teoria Antropológica do Didático (TAD) 247, 249

TICs 72, 163, 164, 167, 221, 222

Trabajador del conocimiento 128, 133, 136

Trabajo colaborativo 68, 72, 131, 132, 134, 166, 174, 198, 199, 200, 201, 203, 204, 205, 206

U

Universidad 1, 11, 12, 20, 22, 34, 66, 75, 88, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 131, 135, 137, 138, 139, 141, 148, 167, 169, 170, 171, 173, 176, 177, 188, 189, 198, 199, 200, 203, 205, 206, 221, 225, 229, 230, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 241, 242, 244, 245

Y

Yupana 189, 192, 196



**EDITORA
ARTEMIS**